

Elementos de um Novo Paradigma de Missão

Breve Exposição do Pensamento de David J. Bosch

Resenha do livro *Transforming Mission. Paradigm Shifts in Theology of Mission*, de David J. Bosch. (Maryknoll, Orbis, 1993, 587 p. [American Society of Missiology Series, 16]).

David J. Bosch (1929-1992), teólogo sul-africano, faleceu tragicamente num acidente automobilístico na África do Sul em 1992. Deixou-nos, entretanto, uma importante contribuição para os estudos missiológicos. Seu principal estudo missiológico intitula-se *Missão Transformadora. Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão* (1991). O livro é uma revisão de toda a teologia da missão cristã.

Após a introdução, onde o autor analisa a atual crise da missão cristã e apresenta um conceito provisório, o livro se divide em três partes: Parte 1: Modelos Neotestamentários de Missão; Parte 2: Paradigmas Históricos da Missão; Parte 3: Rumo a uma Missiologia Relevante. Dada a importância deste texto, apresentaremos a seguir algumas de suas principais teses para o conhecimento dos/as leitores/as e pessoas interessadas na reflexão missiológica no Brasil.

Bosch parte de uma análise da crise do cristianismo contemporâneo, afirmando que a crise pode ser tanto um perigo quanto uma oportunidade para uma redefinição do papel da missão cristã enquanto instrumento da ação de Deus no mundo. Isto porque o cristianismo é essencialmente missionário. A missão é sua razão de ser. Não obstante, é praticamente impossível definir o que ela é. Bosch procura delinear certas aproximações do que seja “missão cristã”. Missão diz respeito, em especial, às relações entre Deus e o mundo, a partir de sua manifestação na história do povo de Israel e particularmente na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, a “autocomunicação de Deus”. Nessa caminhada, a Bíblia não é um conjunto de “leis de missão” que nos proporcionaria um receituário seguro para a nossa prática missionária. Pelo contrário, serve-nos de sinal para avaliarmos a ambivalência entre a providência divina e a confusão propriamente humana do povo de Deus. Assim, o envolvimento da Igreja na missão de Deus é ato de fé (!) para o qual não há qualquer garantia (p. 9).

Quer dizer, a Igreja e toda a vida cristã são essencialmente missionárias, não porque elas proclamem universalmente o evangelho, mas antes por causa da universalidade do evangelho que querem proclamar.

Bosch distingue entre a missão (no singular) e missões (no plural). O primeiro conceito se refere à *missio Dei*, tendência decisiva da segunda metade deste século, tendo em Karl Barth um de seus primeiros articuladores. A *missio Dei* diz respeito à auto-revelação de Deus como aquele que ama este mundo; descreve a ação de Deus através da Igreja e do mundo. A missão, pois, não é primeiramente uma atividade da Igreja, mas um atributo de Deus. A *missão* é primária; as *missões* são derivativas. Sendo a *missio Dei* atividade de Deus, ela engloba tanto a Igreja quanto o mundo. A Igreja é privilegiada por poder participar da *missio Dei*. Deste modo, as *missões*, como *missiones ecclesiae*, referem-se às diferentes formas adotadas pelas igrejas para praticar missão como participação na *missio Dei*.

Não se podem separar Deus e o mundo. Quando falamos de Deus, imediatamente temos de falar do mundo como palco de sua atuação. A atenção e o amor de Deus nesse sentido são um fato que transcende a religião, mas diz respeito ao mundo todo, à ecumene. Missão é “participação na existência de Deus no mundo”.

Daí por que na atual situação os olhos de Deus estejam voltados prioritariamente para os principais problemas que afligem a humanidade, como as realidades da injustiça, da opressão, da pobreza, da discriminação e da violência. A Igreja-em-missão não pode cerrar os olhos diante dessas realidades gritantes. Missão é evangelização, anúncio do evangelho de Jesus Cristo, do perdão dos pecados, da conversão e da formação da comunidade dos membros do corpo de Cristo. Missão é o “não” e o “sim” de Deus ao mundo. É em especial o “sim” de Deus porque sua ação se deu e se dá neste mundo e não em outro. É o que quer dizer “reino de Deus”, uma realidade já presente, mas que não se confunde simplesmente com qualquer forma de “progresso humano”. Na teologia latino-americana se afirma que Deus condena o pecado, mas quer a libertação do pecador! Portanto, a disjunção é sempre conseguir chegar a estar no mundo sem ser do mundo. Nem uma Igreja separada nem uma Igreja secularizada podem articular bem a *missio Dei*. Igreja-em-missão, sacramento e sinal, poderia descrever essa ambigüidade desafiadora. Pois ela não pode ser identificada com o Reino nem pode ser entendida à parte desse Reino. Ela vive, portanto, numa tensão criativa entre ser chamada para fora do mundo (do grego *ek-klesia*, *ek-kalein*) e ser enviada ao mundo como um experimento, um fragmento da realidade escatológica do reino de Deus, um dos primeiros frutos do Espírito (Rm 8.23), que lhe foi dado como penhor de sua realidade futura (2 Co 1.22).

O autor propõe a emergência de um paradigma pós-moderno para a teologia da missão. O paradigma cartesiano moderno privilegiou o pensamento em relação ao ser, a razão em relação à ação. O reconhecimento da linguagem como símbolo (1), a crítica da (pseudo-)relação sujeito-objeto no âmbito da criação (2), a ênfase retomada pela teologia nas dimensões escatológica e teleológica (3), a suspeita

frente à idéia positivista de “progresso” e à idéia iluminista de “modernidade” (4), a recusa da racionalidade da estrutura fiduciária do iluminismo (5), a humildade reticente de estamentar o otimismo em relação ao poder ilimitado da razão (6), a falsidade da independência e autonomia humanas que não têm a inter-subjetividade como sua palavra primeira (7) — toda esta transição em relação ao território do iluminismo coloca a missão numa época de experimentação.

Preocupada com metaquestões interdisciplinares, sem a sua antiga posição de privilégio, abalada por novos movimentos religiosos, deixando para trás seu passado de aliada da colonização, a Igreja num novo tempo faz a missão pensar no seu possível novo sentido. Se a Igreja é missionária em sua natureza, e a missão está diante de um mundo radicalmente diferente, também ela precisa receber uma nova compreensão. Constrói-se, assim, a tese central do pensamento de David J. Bosch: no campo da religião, uma mudança de paradigmas significa tanto continuidade quanto mudança, tanto fidelidade ao passado quanto arrojo que abraça o futuro. É constância e contingência, tradição e transformação (p. 366).

A mudança de paradigma, na configuração pós-moderna atual, deve propor uma *tensão criativa entre o novo e o velho*. A noção “tensão criativa” descreve este paradigma emergente do e no etos pós-moderno. O paradigma proposto não tem linguagem apodítica, mas aponta para uma *direção*, na identificação de uma *confiança* global sua. Sobretudo, portanto, Bosch aponta *elementos para um paradigma missionário ecumênico emergente*.

Na sua natureza, a missão é a Igreja-com-os-outros. Neste século, a natureza missionária da Igreja aparece tanto na eclesiologia católica quanto na protestante, vistas em expressões elucidativas: “sacramento da salvação”; “assembléia de Deus”; “povo de Deus”; “reino de Deus”; “corpo de Cristo”; “templo do Espírito Santo”; “comunidade de fiéis”. Na eclesiologia emergente, a Igreja é missionária em essência e natureza. Porém a eclesiologia não “amarra” a missiologia: o próprio Deus é, em seu ser, missionário. Igreja e missão permanecem juntas; separadas, são “pseudo-estruturas” (Carl E. Braaten).

A terminologia ecumênica destaca a Igreja como *sacramento, sinal e instrumento*, terminologia que é útil ao descrever o local e a vocação da Igreja, a sua unidade no plano de salvação de Deus. Contudo, cumpre buscar a correspondência entre Cristo e os que se declaram seus seguidores, o que só ocorre com base no cristianismo como religião da graça, vivida na santificação do “venha a nós”, num “sigamo-lo!”. A missão é “Deus se voltando para o mundo”. A Igreja, de caráter provisório, não é o fundamento da missão e nem o seu objetivo. Ela não é o reino de Deus. Para ela Deus chama pessoas, não indivíduos. A Igreja é o lugar da habitação de Deus, no Espírito, comunidade missionária, na qual o Espírito dá o rumo para o futuro. Ela serve o mundo *no mundo*, no plano histórico-cósmico da salvação de Deus, sem ser um temível “guarda-de-fronteiras” (p. 378).

O novo paradigma proposto por David. J. Bosch, enfim, põe em tensão duas

visões de Igreja, tensão que deve ser *criativa*, não destrutiva. Da influência da missão como *shalom* de Johannes Hoekendijk à humanização em Cristo (proposta pelos teólogos norte-americanos) do mundo ou da Igreja mais especificamente como local do convívio entre Deus e a humanidade, chega-se à conclusão de que o juízo profético da Igreja, sua solidariedade e responsabilidade no mundo, se expressam a partir de categorias eclesiais. A Igreja se reúne e se dispersa com objetivos independentes um em relação ao outro, é Igreja estando-no-mundo e sendo-diferente-do-mundo (Berkhof). Não cabe descartá-la, mas reformá-la e renová-la. Objeto da *missio Dei*, ela necessita de arrependimento e de conversão (p. 386).

Nesse sentido, o autor desenvolve as seguintes características desse novo paradigma:

- missão como Igreja-com-os-outros;
- missão como mediação da salvação;
- missão como busca da justiça;
- missão como evangelismo;
- missão como contextualização;
- missão como libertação;
- missão como inculturação;
- missão como testemunho comum;
- missão como ministério comum/sacerdócio geral de todo o povo de Deus;
- missão como testemunho às pessoas de outras religiões (diálogo);
- missão como teologia;
- missão como ação na esperança;
- missão como ministério multifacetário;

Acrescentaríamos:

- missão como ação pastoral transformadora;
- missão como pastoral de solidariedade;
- missão como serviço diaconal libertador.

Para David J. Bosch, a *missio Dei* purifica a Igreja cristã e pode ser resumida na seguinte afirmação: missão é “a participação dos cristãos na missão libertadora de Jesus, apostando num futuro que a experiência verificável parece desmentir. Ela é a boa nova do amor de Deus, encarnado no testemunho de uma comunidade em favor do mundo” (p. 519).

A partir das idéias de David J. Bosch, adiantamos abaixo alguns temas que poderiam ser aprofundados posteriormente:

1. Não só “Igreja-para-os-outros” (Dietrich Bonhoeffer), que, embora fundamental, é uma noção criada num contexto burguês, liberal-humanista, mas também Igreja-com-os-outros (Theo Sundermeier), complemento que não ignora a coexistência entre Igreja e mundo.

2. A Igreja não é o fundamento e nem o objetivo da missão. Ela tem caráter provisório. É povo de Deus que peregrina rumo à terra prometida, ao reino de Deus,

é comunidade missionária, na qual o Espírito trabalha para a realização do futuro que está no coração de Deus.

3. A Igreja cristã se manifesta em dois sentidos complementares: por um lado reúne e por outro dispersa cristãos pelo mundo. É sua característica estar-no-mundo sendo-diferente-do-mundo. Não se trata, portanto, de descartá-la, como é possível pensar a partir de certa crítica, mas de renová-la permanentemente. Aqui, o axioma reformatório *ecclesia reformata semper reformanda* adquire extrema atualidade. Nesse sentido, a própria Igreja cristã é sempre objeto da *missio Dei* (K. Barth, 1932).

4. Igreja-em-missão. O novo paradigma missiológico se apóia na participação da pessoa cristã comum, do membro de comunidade consciente de sua fé e de sua dignidade no mundo. É por definição um conceito de missão não-clerical, mas participativo e ecumênico.

5. Pergunta-se, diante do pluralismo religioso, como manter a tensão entre o ser missionário e o ser dialógico? Bosch afirma que o diálogo é condição básica para o paradigma missiológico pós-moderno. A teologia segue a natureza dialógica da fé cristã. O verdadeiro diálogo, porém, pressupõe compromisso mútuo, não um sacrifício de posições. Só é possível se cremos que Deus nos precede no agir e se mostra também a outras religiões, só existe com *humildade* e *vulnerabilidade*. Diálogo e missão atestam uma mudança paradigmática que sugere *tensão criativa*. O diálogo não é um subterfúgio para a missão cristã, que sempre proclama a salvação em Cristo. Isto, por sua vez, não significa retorno ao totalitarismo da cristandade, mas insere-se numa nova estrutura de missão: “missão como a Igreja-com-os-outros” e “missão como mediação da salvação”.

Não se têm todas as respostas, pois a missão está dentro da estrutura do “conhecimento penúltimo” dos seres humanos e da Igreja.

6. Precisamos estar preparados para as surpresas do Espírito. A missiologia, como dizia Ivan Illich, é “a ciência a respeito da palavra de Deus que se faz presente como Igreja, a Palavra como Igreja que transcende as situações, a Igreja como surpresa e perplexidade (quebra-cabeça), a Igreja em seu crescimento... Missiologia estuda o crescimento da Igreja entre novos povos, o nascimento da Igreja para além das fronteiras sociais, das barreiras lingüísticas, para além das imagens poéticas nas quais ela ensina as suas crianças... Missiologia, por tudo isso, é o estudo da Igreja como surpresa”.

7. A missão é uma questão vital para a teologia. A pergunta que se coloca é como a teologia encontra na missão o sujeito com a qual ela lida. Há que considerar sempre nas demais disciplinas teológicas o aspecto ou a dimensão missiológica. Este é um exercício ao qual nenhum/a teólogo/a pode se furtar. Todas as disciplinas podem ser pensadas do ponto de vista da teologia da missão. E isto não se ensina, se aprende!

Roberto Hofmeister Pich/Roberto Ervino Zwetsch
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14 — 93001-970 São Leopoldo — RS